



CINCO ANOS DE POLICROMIAS:
PERCURSOS E MOVIMENTOS NO ESTUDO DO
DISCURSO, DA IMAGEM E DO SOM

FIVE YEARS OF POLYCHROMIES:
PATHWAYS AND MOVEMENTS IN THE STUDY OF
DISCOURSE, IMAGE AND SOUND

Maycon Silva AGUIAR¹

Tania Conceição Clemente de SOUZA²

Rosane da Conceição PEREIRA³

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; professor colaborador do curso de Especialização em Gramática Gerativa e Estudos de Cognição (Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro); vice-coordenador do Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som (Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro); e editor da Policromias.

² Professora do Departamento de Antropologia (Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro), do Mestrado Profissional em Linguística e Línguas (Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística; coordenadora do Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som (Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro); e editora da Policromias.

³ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal Fluminense; professora da Universidade Salgado de Oliveira; pesquisadora do Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som (Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro); e editora da Policromias.





RESUMO

Neste texto, celebramos os cinco anos de existência da *Policromias* – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som; e apresentamos as modificações que, a partir deste volume, estarão presentes no periódico. Assumimos este espaço – o de uma revista acadêmica vinculada a um dos centros de produção de conhecimento mais importantes da América Latina, o Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro –, como um lugar de resistência política e nos dispomos a denunciar, na condição de editores, as mazelas sociais que nos chegam na forma de artigos e de outros gêneros de circulação no meio acadêmico. Por fim, apresentamos os artigos que compõem este número.

PALAVRAS-CHAVE

Policromias; discurso; imagem; som.

ABSTRACT

In this text, we celebrate five years of existence of *Policromias* – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, and present the changes that, from this volume on, will be present in the journal. We assume this space – an academic journal linked to one of the leading knowledge production centers in Latin America, the Museu Nacional of Universidade Federal do Rio de Janeiro–, as a place of political resistance. We are ready to denounce, on condition of editors, the social problems that come to us in the form of articles and other types of circulation in the academic environment. Finally, we present papers that make up this issue.





WORDKEYS

Policromias; discourse; image; sound.

Policromias chega ao seu quinto ano de existência. Recebeu textos de importantes teóricos do universo da linguagem, em suas mais diversas facetas; e demonstrou seu comprometimento com a constituição de um espaço multidisciplinar de análise e de discussão dos fenômenos do discurso, da imagem e do som.

Em comemoração à marca atingida, novidades foram agregadas ao periódico a partir deste volume. Em primeiro lugar, destaca-se sua periodicidade, que passa de semestral a quadrimestral, com edições em abril, em agosto e em dezembro. A justificativa para o incremento na quantidade de números por volume está no fato de o público ter reconhecido a excelência da revista e de buscá-la para expor seus trabalhos. Por um lado, isso é um óbvio reflexo de como os colaboradores são a força-motriz desta e de qualquer outra publicação; por outro lado, indica que o caminho trilhado por nossa equipe editorial têm instilado confiança em quem nos assiste, seja como leitor, seja como autor, seja como parecerista.

Quem nos consulta com frequência deve ter percebido que Policromias têm uma identidade visual muito bem demarcada. Aprimorá-la será um dos propósitos que cumprimos deste volume em diante. Modificamos a diagramação dos textos publicados, com vistas a tornar a experiência de leitura mais confortável. O novo visual da revista é moderno, minimalista e condizente com um empreendimento editorial de caráter científico e acadêmico.

Atendendo às recomendações da Associação Brasileira de Normas Técnicas e às sinalizações de diversos colaboradores – autores e pareceristas



–, simplificamos as políticas de submissão de manuscritos. Os que as consultarem perceberão que, como um gesto de valorização dos que nos apoiam e alimentam nosso trabalho, desburocratizamos tais políticas, transformando-as em instruções mais simples e mais intuitivas.

O mais importante que Policromias incorpora nesta nova etapa é a percepção de que o diálogo entre as partes envolvidas no processo editorial é essencial para o avanço da divulgação científica. Arrematando nosso compromisso inicial com uma emenda, pretendemos que este seja um espaço multidisciplinar de análise e de discussão dos fenômenos do discurso, da imagem e do som, **pautado nas observações de nossos colaboradores e colado à realidade de nosso país**. É bem conhecida a falácia da neutralidade do discurso, e, por isso, esta é a atitude que imprimiremos em nossas páginas: abriremos nossos canais oficiais de comunicação para receberos que nos leem; acolheremos as impressões e as opiniões de nossos colaboradores; e denunciaremos, como nos for possível, os achaques ao conhecimento, bandeira da qual somos guardiões.

Esperamos, por fim, que, além de referência como periódico, Policromias erija uma referência de ética profissional e acadêmica, tarefa para cuja realização contamos, mais uma vez, com o auxílio de todos os que de nossa comunidade fazem parte.

Neste volume, cumprindo a tradição que fundamos neste percurso de cinco anos de existência, contamos com uma série de trabalhos de excelente qualidade, de pesquisadores nacionais e estrangeiros, e com uma entrevista concedida a um de nossos editores. Abre o volume o texto de Françoise Dufour, teórica francesa cujas pesquisas se voltam à compreensão das relações coloniais e pós-coloniais.





Em seu artigo, Dufour discute como a transposição de termos de uma língua (a de dominação) para outra (a do dominado) representa um reforço do discurso imperialista (por parte das nações identificadas, genericamente, como sendo “do Norte”) sobre as nações dominadas (referidas, também genericamente, como sendo “do Sul”). Com base na definição de translação linguística, que se distancia da de tradução, Dufour discute os sentidos hegemônicos que decorrem dessa diferença. A translação é compreendida como um transporte de um mundo a outro, como se fosse uma transferência sem tradução, embora não se caracterize, propriamente, como um empréstimo. No caso de empréstimos, o locutor se apropria de certos termos, porque compartilha a práxis e a realidade material que os definem. No caso da translação, o processo é de dominância de sentidos. A autora, então, analisa e/ou questiona três termos com reivindicação universalizante: *desenvolvimento*, *patrimônio (natural ou cultural)* e *enfermidade (doença)*; e discute, em seguida, a produção de sentidos decorrente da translação e de seus efeitos hegemônicos.

O segundo artigo deste volume foi produzido por Keylor Robles, investigador assistente na Universidade da Costa Rica. Em sua contribuição, intitulada “Representaciones de los personajes femeninos en series animadas: *Los Picapiedra y Steven Universe*”, Robles contempla o modo como certas personagens femininas são caracterizadas nas séries animadas que, no Brasil, recebem os nomes “Os Flintstones” e “*Steven Universe*”. Sustentando sua análise em teóricos que lidam com temas relacionados aos estudos de gênero, baseando-se em uma metodologia qualitativa, Robles destaca que as personagens femininas ostentam traços comportamentais típicos das épocas em que as séries animadas a que pertencem foram produzidas.



Haverá, como o autor discute, questões inerentes ao contexto ideológico de cada momento histórico no discurso corrente em cada série animada: de uma maneira geral, em *Os Flintstones*, produzida na década de 1960, ironias e a invisibilidade do trabalho doméstico desvelam ambiguidades a respeito do papel social feminino; por outro lado, em “*Steven Universe*”, lançada após um período de seis décadas, existem discussões sobre diversidade sexual, sobre empoderamento e sobre amor próprio.

Silmara Dela Silva, professora da Universidade Federal Fluminense, e Fernanda Lunkes, docente da Universidade Federal do Sul Bahia assinam o artigo “Por que (não) dizer da língua?”, em que observam discursos que engendram sentidos sobre a cena política brasileira atual. Sob o abrigo da Análise de Discurso francesa, analisam como os dizeres sobre a língua e sobre os sujeitos que as falam podem funcionar em condições de circulação distintas; e como afirmam e se abstêm de afirmar sobre as práticas políticas do Brasil. O *corpus* estudado por ambas é constituído por memes de ampla circulação no meio eletrônico e, por isso, tem muito a contribuir com a questão de como os discursos sobre o uso da língua – constituídos, imaginariamente, como reflexões metalinguísticas –, relevam as posições ideológicas dos sujeitos que os emitem.

Filiados aos pressupostos da Análise de Discurso Francesa, Mateus Vitor Tadioto, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, e Luciene Jung de Campos, docente do referido programa de pós-graduação, abordam a identidade visual adotada pela Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) em 2019, a chamada Marca Brazil. No decorrer de seu texto, “Marca Brazil: as articulações da memória na nova marca da EMBRATUR”, os autores





defendem a tese de que as peças publicitárias da EMBRATUR, desde o momento de sua fundação, incentivariam o turismo sexual em território brasileiro. Para defender essa posição, são observadas diversas peças publicitárias da empresa, com o intuito de resgatar uma regularidade de discursos e de contradiscursos que vendem o Brasil como destino turístico exótico cujo maior produto é o corpo feminino.

“A construção da imagem do negro latino-americano por um jornal internacional” é o próximo artigo na organização deste volume. Renata Almeida Danin, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, verifica que as narrativas apresentadas pelos grandes conglomerados midiáticos –representados, neste caso, pelo jornal britânico *The Guardian* – sobre negros brasileiros moradores de favelas reproduzem determinados tipos de ideologia, os quais, quase que por regra, distorcem a realidade socioeconômica de tais sujeitos. O aporte teórico do texto é a Análise Crítica do Discurso da linha de Teun A. van Dijk e referências importantes da área de Comunicação Social.

Welton Diego Lavareda, doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará, e Ivânia dos Santos Neves, professora titular da mesma instituição, desenvolveram o sexto artigo deste volume, “Tramas discursivas e diversidade linguística na Amazônia”. Sob os signos da Análise de Discurso francesa, da área dos estudos linguísticos referida como Linguística Colonial e do pensamento de Michel Foucault, os autores retratam a diversidade de línguas apresentada pelo padre jesuíta Antônio Vieira em seus sermões e em suas correspondências oficiais. Cumprem-se dois objetivos no artigo: identificar, a partir das materialidades que indicam o distanciamento entre os religiosos da época colonial e as línguas



nativas de nosso território, as dificuldades enfrentadas pelas missões catequistas no territórios do Maranhão e do Grão-Pará; e apontar o regime de gerenciamento linguístico à época da colonização, o qual impactou, diretamente, sobre o modo pelo qual o patrimônio linguístico nativo foi discursivizado em uma sociedade cuja língua oficial é de matriz europeia.

Fotografias podem ser consideradas experiências históricas? O artigo “Fotografia e tempo na penumbra: Francesca Woodman e a dança com fantasmas” visa a responder a essa pergunta. Escrito por Fabiane da Silva de Souza, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação, na Universidade de Brasília, e por Cláudia Linhares Sanz, professora da Faculdade de Educação da instituição mencionada, o texto explora a hipótese de que o trabalho da fotógrafa Francesa Woodman é marcado por um deslocamento histórico, que se expõe na diferença entre os modos de fotografar e os modos de estar no mundo. O gesto de análise foca, por um lado, a materialidade da fotografia de Woodman como elemento da modernidade; e as transformações de tal materialidade na época contemporânea. O tratamento do *corpus*, que é composto por uma seleção de fotografias de Woodman, toma-as não somente como registros estáticos, mas as considera, principalmente, como experiência inseridas em um domínio histórico e temporal específico.

Kátia Hallak Lombardi, professora do Programa de Pós-Graduação em Letras: teoria literária e crítica da cultura da Universidade Federal de São João Del-Rei, e Diana Trindade Drumond, mestranda no mesmo programa de pós-graduação, são responsáveis pelo oitavo artigo deste volume, “O apelo de Lênin”: vestígios do regime soviético na Rússia na fotografia contemporânea de Serguei Maksimshin”. Baseadas em teorias cujo objeto





é a fotografia e no conceito de *vestígio* elaborado por Walter Benjamin, as autoras selecionaram, da exposição *O último império*, oito fotografias de Serguei Maksimshin, com o intuito de verificar como o passado ecoa na Rússia contemporânea.

Compreender como o verbete *cigano* e seus correlatos foram retratados em dicionários de língua portuguesa europeus e brasileiros dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI é objetivo das autoras do artigo “A construção discursiva da identidade *para* ciganos em verbetes dicionarísticos”, Marilene Gomes de Sousa Lima, mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba; Amanda Braga, professora do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal da Paraíba; Laís Cavalcante Almeida, mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba; e Ana Beatriz Albuquerque Aragão Cordeiro, graduada em Letras/Inglês pela Universidade Federal da Paraíba. Para perseguir esse objeto, são acionados referenciais teóricos da Análise de Discurso francesa. As autoras oferecem, como conclusões de sua pesquisa, perspectivas a respeito de como a identidade cigana foi construída no Brasil, resultando em uma memória discursiva de acordo com a qual os não ciganos combatem os ciganos (anticiganismo).

Na medida em que materializa a linguagem humana, a voz assume uma posição fundamental na constituição dos sujeitos e, portanto, na prática clínica psicanalítica. A partir desse pressuposto, Maurício Eugênio Maliska, professor de Psicanálise no curso de graduação em Psicologia e no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina; Teodulino Manguera Rosendo, doutorando em Linguística na Universidade do Sul de Santa Catarina; e Manoella Borges, graduanda em Psicologia pela mesma instituição, abordam, de



uma perspectiva multidisciplinar, diversas discussões sobre a temática da voz. No artigo, que é intitulado “A voz no entroncamento teórico da Psicanálise e da Análise do Discurso”, os autores assumem a voz, por um lado, como materialidade produzida pelo corpo humano, e, por outro lado, como materialidade significativa, que funciona por meio de efeitos de sentidos e que, por isso, é permeada pela subjetividade.

No décimo primeiro artigo deste volume, “De “imprecionante” (*sic*) a impressionantes efeitos de sentido: análise do discurso do ministro da Educação, Weintraub, no *Twitter*”, retornamos ao universo da política brasileira, representado por Abraham Weintraub, atual ministro da Educação. Dalexon Sergio da Silva, pós-doutorando em Ciências da Linguagem na Universidade Católica de Pernambuco, e Claudemir dos Santos Silva, doutorando em Ciências da Linguagem na mesma instituição, exploram uma postagem de Weintraubem que há um erro ortográfico, situação que não é incomum em seu período à frente da pasta. Pelo viés da Análise de Discurso francesa, os autores recorrem aos conceitos de formação discursiva, de formação imaginária e de memória discursiva para deslindar as formações imaginárias que povoam a memória discursiva do país e embasam as expectativas sociais a respeito de como uma autoridade deve se comportar publicamente. Essas reflexões têm, como pano de fundo, o fato de que Weintraub ocupa a posição mais elevada do plano educacional brasileiro, que é reconhecido por suas claras deficiências.

Eduardo Chatagnier Borges Perez, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Universidade de São Paulo, e Cristian da Silva Borges, professor do referido programa de pós-graduação, subscrevem o artigo “A diluição do narrador em objeto misterioso ao





meio dia, de ApichatpongWeerasethakul”. No texto, é abordado como o diretor tailandês ApichatpongWeerasethakul insere um questionamento sobre o que é verdade e sobre o que é ficção no filme *Misterioso Objeto ao Meio Dia*, a partir da utilização de técnicas de documentário e de ficção. De um ponto de vista que considera referências teóricas sobre narrativas, os autores verificam a transitoriedade que constitui o discurso fílmico e destacam questões relacionadas aos lugares de fala.

“A necessidade de ser resiliente no trabalho: a culpabilização do empregado no texto ‘Quem não tem resiliência apresenta estes sintomas no trabalho’” é o décimo artigo deste volume. Circunscrito às referências teóricas da Análise de Discurso francesa, o trabalho, de Fernanda DeahChichorroBaldin, professora do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas (DALEM) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, identificou as diferentes formas pelas quais o termo “resiliência” é utilizado, desde a década de 1990, no contexto trabalhista; as orientações ideológicas que perfazem cada percepção identificada; e a transformação do termo em uma característica laboral valorizada e considerada estratégica. O *corpus* do artigo é composto por uma publicação da revista Exame de julho de 2019.

Gustavo Haiden de Lacerda, aluno da Universidade Estadual de Maringá, é o autor de “O equívoco na produção de sentidos em/sobre o urbano”, o último artigo deste volume. A equivocidade inerente à língua na produção de sentidos, materializada em inscrições na e sobre a cidade, é o objeto do texto. De acordo com o referencial teórico da Análise de Discurso francesa, os funcionamentos da língua e da ideologia no discurso são observados em um *corpus* de pichações, com a premissa de se investigar sentidos da cidade/urbanos, sentidos de autoria e o discurso na/sobre a cidade/urbano em si.



Uma entrevista concedida por Françoise Dufour remata a edição. Apresentada em inglês e traduzida para português por Cláudio de A. Pádua, mestrando em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro; por Rodrigo Pereira da Silva Rosa, doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; e por Yasmin Tavares de Souza, a entrevista aborda tópicos relevantes da carreira de Dufour: o fato de ser uma pesquisadora independente; seu interesse por estudos coloniais e pós-coloniais; o papel do discurso não científico no cenário político mundial; o contexto da Análise de Discurso francesa em seu reduto de origem, a França; e possíveis desdobramentos da Análise do Discurso.

